

SANTA GEMMA GALGANI

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Sardi, Gesualda

Santa Gemma Galgani / irmã Gesualda Sardi ; tradução de Darlei Zanon ; organizado por Pe. Tito Paolo Zecca. - São Paulo : Paulus, 2025.  
(Coleção Biografias)

ISBN 978-85-349-5568-3

Título original: Santa Gemma Galgani

1. Galgani, Gemma, santa – Biografia I. Título II. Zanon, Darlei  
III. Zecca, Tito Paolo IV. Série

24-5316

CDD 922.22

Índice para catálogo sistemático:

1. Galgani, Gemma, santa – Biografia

**Coleção BIOGRAFIAS**

---

- *Padre Cícero de Juazeiro*, José Comblin
- *São João Paulo II: a biografia*, Andrea Riccardi
- *Padre Pio: os milagres desconhecidos do santo dos estigmas*, José Maria Zavala
- *Paulo de Tarso: um apóstolo para as nações*, Pedro Lima Vasconcellos; Pedro Paulo Abreu Funari
- *Papa São João XXIII*, Domenico Agasso Sr.; Domenico Agasso Jr.
- *João Paulo II: santo já*, Andrea Riccardi (eBook)
- *Josefina Bakhita: o coração nos martelava no peito – Diário de uma escrava que se tornou santa*, Roberto Italo Zanini (org.)
- *Santo Antônio de Pádua: por onde passa, entusiasmo*, Domenico Agasso Jr.
- *Padre Pio: o mistério do Deus próximo*, Saverio Gaeta
- *Madre Teresa: tudo começou na minha terra*, Cristina Siccardi
- *Paulo VI: o santo da modernidade*, Domenico Agasso Jr.; Andrea Tornielli
- *Santa Gemma Galgani: entre Deus e o diabo*, José Carlos Pereira
- *Carlos e Zita de Habsburgo: o itinerário espiritual de um casal cristão*, Elizabeth Montfort
- *Padre Amorth: a biografia oficial*, Domenico Agasso
- *Santa Clara de Assis*, Gianluigi Pasquale
- *Santa Gemma Galgani*, Irmã Gesualda Sardi
- *Santa Rita e sua mensagem*, Agostino Trapè
- *Santa Teresinha do Menino Jesus e da Sagrada Face*, Irmã Gesualda Sardi
- *Santa Teresa Benedita da Cruz (Edith Stein)*, Vittorio Robiati Bendaud
- *Maria Goretti: santa de nossos dias*, Dino De Carolis
- *São Boaventura: biografia*, Laurence Costelloe

Irmã Gesualda Sardi

# SANTA GEMMA GALGANI

Nova edição organizada por Pe. Tito Paolo Zecca

Tradução:  
Darlei Zanon



Todos os direitos reservados pela Paulus Editora. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

Título original: *Santa Gemma Galgani*

© 1992 Edizioni San Paolo s.r.l.

Piazza Soncino, 5 – 20092 Cinisello Balsamo (Milano) – Italia

[www.edizionisanpaolo.it](http://www.edizionisanpaolo.it)

**Direção editorial**

Pe. Jakson Ferreira de Alencar

**Gerência editorial**

Elisa Zuigeber

**Revisão**

Tiago José Risi Leme,  
Lucas Giron, Pe. Zolferino Tonon,  
Luiz Henrique Ribeiro Lima

**Design**

Andrea Cristina Florez Marin

**Imagem da capa**

iStock

**Impressão e acabamento**

PAULUS

1ª edição, 2025



Conheça o catálogo PAULUS  
acessando: [paulus.com.br/loja](http://paulus.com.br/loja),  
ou pelo QR Code.  
Televendas: (11) 3789-4000 /  
0800 016 40 11

© PAULUS - 2025

Rua Francisco Cruz, 229 • 04117-091  
São Paulo (Brasil)  
Tel.: (11) 5087-3700  
[paulus.com.br](http://paulus.com.br) • [editorial@paulus.com.br](mailto:editorial@paulus.com.br)

ISBN 978-85-349-5568-3

# ÍNDICE

<i>Capítulo I</i> – Uma confissão.....	9
<i>Capítulo II</i> – A primeira narrativa .....	13
<i>Capítulo III</i> – O crucificado .....	19
<i>Capítulo IV</i> – “Gemma, você quer me dar sua mãe?” .....	25
<i>Capítulo V</i> – “Dê-me Jesus” .....	31
<i>Capítulo VI</i> – Os primeiros passos .....	39
<i>Capítulo VII</i> – Escuro e sereno .....	47
<i>Capítulo VIII</i> – “Sim, eu sofri muito” .....	49
<i>Capítulo IX</i> – Um ano de dor extrema.....	53
<i>Capítulo X</i> – “Minha irmã” .....	57
<i>Capítulo XI</i> – “Você quer ser curada? Reze com fé ao coração de Jesus” .....	63
<i>Capítulo XII</i> – “A sua mãe será aquela” .....	69
<i>Capítulo XIII</i> – “Senhor, o que quer de mim?” .....	75
<i>Capítulo XIV</i> – Um olhar para a alma .....	79
<i>Capítulo XV</i> – “Espero você no calvário” .....	87
<i>Capítulo XVI</i> – Estigmatizada.....	91
<i>Capítulo XVII</i> – A família de adoção .....	95
<i>Capítulo XVIII</i> – Encontro providencial.....	101
<i>Capítulo XIX</i> – Na família Giannini .....	107
<i>Capítulo XX</i> – Toda a todos .....	117

<i>Capítulo XXI</i> – O magistério divino da dor .....	123
<i>Capítulo XXII</i> – “Eles não querem acreditar” .....	135
<i>Capítulo XXIII</i> – Sede divina e desapontamento humano da dor.....	145
<i>Capítulo XXIV</i> – Novas testemunhas .....	151
<i>Capítulo XXV</i> – O drama cruento .....	155
<i>Capítulo XXVI</i> – Um guia do céu .....	161
<i>Capítulo XXVII</i> – Armadilhas .....	167
<i>Capítulo XXVIII</i> – “Vingar-me? Não, com a sua ajuda, Jesus!” .....	179
<i>Capítulo XXIX</i> – “Será que eu realmente enganei a todos?” .....	187
<i>Capítulo XXX</i> – Tudo por Jesus.....	191
<i>Capítulo XXXI</i> – Confiança .....	195
<i>Capítulo XXXII</i> – O paraíso na terra.....	199
<i>Capítulo XXXIII</i> – A borboleta mística .....	205
<i>Capítulo XXXIV</i> – A noite escura.....	211
<i>Capítulo XXXV</i> – Sublime heroísmo.....	217
<i>Capítulo XXXVI</i> – Correntes quebradas.....	221
<i>Capítulo XXXVII</i> – Árdua missão .....	229
<i>Capítulo XXXVIII</i> – Última renúncia .....	237
<i>Capítulo XXXIX</i> – A hora de Deus.....	245
<i>Capítulo XL</i> – No puro amor .....	247
<i>Capítulo XLI</i> – Fogo divino .....	257
<i>Capítulo XLII</i> – Elevações.....	261
<i>Capítulo XLIII</i> – “Preciso de uma grande expiação” .....	265

<i>Capítulo XLIV</i> – A última etapa no caminho do Calvário .....	271
<i>Capítulo XLV</i> – Tudo está consumado .....	275
<i>Capítulo XLVI</i> – Do céu .....	281
Apêndice – Uma escritora carmelita:	
Irmã Gesualda Sardi (1879-1930) .....	289
Coetânea de Gemma Galgani.....	290
A vocação carmelita .....	291
Escritora paulina.....	294
Bibliografia citada no volume .....	301



## UMA CONFISSÃO

Conheci Gemma Galgani de vista. Diversas vezes estive ao lado dela durante as longas esperas para o confessionário de dom Volpi, mas ela não me inspirava simpatia.

Nunca a conheci pessoalmente, nem falei com ela, porque nossas famílias não tinham relação. Eu sabia que ela era uma criança pobre, acolhida por caridade pela família Giannini, e que tinha recebido uma graça da beata Margarida Maria.

Certa vez, uma amiga me falou sobre ela: “É uma mosca morta. Se você a colocar aqui, ela fica aqui; se coloca ali, ela fica ali”, e isso não aumentou minha simpatia.

Um dia, por acaso, eu a vi sorrir: e o encanto daquele sorriso me comoveu; trago-o sempre em minha mente e coração. Isso é tudo o que dela recordo, tudo o que naquele tempo eu soube dela.

Quem, ao contrário, me inspirava grande simpatia eram suas duas irmãs: Annetta e Eufemia Giannini. Quando nos encontrávamos, mesmo sem nos conhecermos, saudávamo-nos amigavelmente. Para mim, era uma alegria quando via surgir no horizonte aquele pequeno grupo; e qualquer irritação, ou perturbação interna que eu poderia sentir, acalmava-se como num passe de mágica naquele encontro. Atribuía isso à visão daquelas duas doces criaturas, não à santa que estava com elas. Hoje compreendo que aquela paz era Gemma que infundia em mim.

Depois da morte de Gemma, falaram-me dela como de uma santa, e a notícia me emocionou.

As diferentes opiniões que vieram depois me deixaram atordoada; e o maior colapso foi causado por uma pessoa que poderia e deveria me ter feito amá-la. Essa, devido a uma combinação de circunstâncias, inspirou-me tanta contrariedade que me fez sentir verdadeira aversão por Gemma, a ponto de não acreditar em mais nada do que era dito sobre ela. E a aversão era tamanha que me levava a pensar: “E como faço, se ela for beatificada?”.

Tudo sobre ela me perturbava, e transmitia também aos outros a minha descrença e aversão. Isso por cerca de 25 anos.

Diversas pessoas me pressionavam para que eu escrevesse uma biografia dela, mas minha resposta era peremptória: “Impossível como voar. Como se pode escrever sobre alguém que não se ama e em quem não se acredita?”.

Acostumada aos êxtases sublimes de minha santa mãe, Maria Madalena de Pazzi, aqueles de Gemma me pareciam monótonos e desbotados.

Ouvia elogiarem suas cartas: abria o livro, fechava de novo; aquele modo de escrever não me agradava. Abria sua biografia, e caía em uma parte que me causava enjoo. Enfim, minha aversão por Gemma não cedia.

Há poucos meses, pressionada contra a parede e forçada a iniciar esta biografia, recorri a Gemma e lhe disse: “Se você quer esta homenagem de mim, faça-se amar”. Como por encanto, minha aversão desapareceu, transformando-se em amor ardente, e isso antes mesmo de eu conhecer sua vida. Então comecei a ler sua biografia, e já nas primeiras páginas a figura doce e heroica de Gemma emergiu bela, luminosa, santa. Fiquei maravilhada diante de virtude tão heroica, tão

constante, tão sublime. Senti não ter a capacidade de tratar Gemma como contemplativa, com a doutrina dos místicos em mãos, limitando-me a escrever estas poucas páginas, nas quais procurei colocar todo o meu amor, para com elas reparar minhas descrenças e aversões do passado: sentidas dentro de mim ou comunicadas a outros.

Essa mudança repentina do meu coração me levou a não tolerar mais e nem mesmo tentar compreender os opositores de Gemma, desejando ardentemente que Deus mude o coração deles assim como transformou o meu, e conceda logo a beatificação dessa santa criatura.

Eis a confissão, eis o testemunho de uma verdadeira graça, que para ser compreendida vocês precisariam ler meu coração e vivenciar tais sentimentos.



## A PRIMEIRA NARRATIVA

Em Lucca (Itália), há mais de cem anos, repetiu-se na família Galgani uma daquelas cenas tão comuns nos tempos de fé.

Uma jovem mãe,<sup>1</sup> apoiando seu bebê sobre os joelhos e com o crucifixo em mãos, apontava para ele dizendo: “Veja, Gemma, esse querido Jesus morreu na cruz por nós!”. A seguir, com voz suave, e a doce eloquência do coração e da fé, com aquele dom que só uma mãe tem de se adaptar à capacidade dos seus rebentos, narrava-lhe a história da paixão. Ela contava à pequena como o “querido Jesus”, que amou tanto a humanidade, foi espancado, ridicularizado, difamado, humilhado, para depois ser crucificado, e justamente pelos seus beneficiados!

Gemma escutava... Seus olhos brilhantes se enchiam de lágrimas, movendo-se do crucifixo ao rosto da mãe, e deste ao crucifixo. Depois, tocando com amor inexprimível seus lábios inocentes naquelas chagas, imprimia ali os primeiros beijos de reparação, prometendo ser bondosa, nunca fazer Jesus sofrer e nunca lhe negar nada.

Quando a mãe silenciava: “De novo, mamãe, de novo; me fale mais de Jesus!”, repetia a pequena Gemma. E essas palavras – “de novo, mamãe, de novo” –, que revelavam sua sede de sobrenatural, estavam sempre nos seus lábios, quer a mãe falasse, quer, segurando-a junto ao coração, a fizesse rezar.

---

<sup>1</sup> Aurélia Landi (1846-1886), casada com Enrico Galgani no dia 25 de maio de 1868.

Essa frase que, quando criança, Gemma repetia à sua mãe, repetirá depois a Jesus até o último dia, em sua sede de amor e de dor: “Que a minha vida, ó Jesus, seja um sacrifício contínuo, que você aumente minha dor, que você aumente minhas humilhações... Quero sofrer com você. Não, Jesus, eu não quero morrer, quero viver sempre, para sofrer muito e lhe amar muito...”<sup>2</sup>

Gemma não nasceu em Lucca, mas em Camigliano, charmosa vila daquela província.<sup>3</sup> Nasceu em 12 de março de 1878, e a família a acolheu com grande festa, com alegria até então não sentida com o nascimento dos três meninos que a precederam.

Apenas 24 horas depois, recebeu o batismo na igreja de Camigliano.

Quanto ao nome escolhido para ela, houve certa divergência entre a mãe e o cunhado, capitão-médico. Ele queria chamá-la de Gemma, mas a mãe não aceitava a ideia.

Para resolver a questão, interveio um sábio sacerdote, pároco de Gragnano: “Mas por que – disse ele à senhora Galgani – a senhora não quer colocar na menina o nome de Gemma, como seu cunhado deseja?”. A angélica senhora manifestou então uma dúvida ingênua, mas dolorosa para ela,

---

<sup>2</sup> *Êxtases XVII/41*. A numeração romana dos êxtases adotada pela irmã Gesualda corresponde à edição de 1909, *Lettere ed estasi: diario: autobiografia: scritti vari di Gemma Galgani*, editada pelo padre Germano Ruoppolo; a numeração árabe refere-se, no entanto, a *Estasi: Diario: Autobiografia: Scritti vari di Santa Gemma Galgani* (Postulazione dei Padri Passionisti, Roma 1958 [reeditado em 1988]), organizado pelo padre Giacinto Brunetti.

<sup>3</sup> Na verdade, o pai da santa, Enrico Galgani, descendente por parte de mãe da família de São João Leonardi, era natural de Porcari, grande vila da província de Lucca. Gemma nasceu em Camigliano porque seu pai, químico-farmacêutico, ali abriu uma farmácia alguns anos antes. Em vista da educação dos filhos, e para maior possibilidade de trabalho, mudou-se então definitivamente para Lucca, apenas um mês após o nascimento de Gemma.

que só pensava na felicidade eterna de seus filhos: “Mas... a menina pode ir para o céu se lá não há nenhuma santa chamada Gemma?”. “As pedras preciosas [em italiano *gemme*] estão no céu”, respondeu o sacerdote, “esperamos que essa garotinha seja uma gema [pedra preciosa] do paraíso”.

Os fatos deram razão ao tio.

A pequena, já a partir dos quatro anos, mostrou-se extraordinariamente inclinada à piedade. Confiada por alguns dias aos cuidados da avó paterna, era colocada para dormir em uma caminha ao lado da avó. Certa vez, quando estava entrando no quarto, a boa senhora foi surpreendida, ficando imóvel à porta. Lentamente, chamou o filho para vir e ver uma coisa maravilhosa. Gemma, uma criaturinha fofa e doce, estava ajoelhada em frente a uma imagem do Sagrado Coração de Maria, com as mãozinhas unidas e os olhos erguidos, parecendo um daqueles belos querubins em adoração que podemos admirar nos afrescos e nas pinturas dos grandes artistas.

O tio, juntamente com a avó, permaneceu imóvel, contemplando-a com amor; depois, quebrando o silêncio, perguntou: “O que você está fazendo, Gemma?”. “Estou rezando a ave-maria”, respondeu a pequena. “Pode ir, que eu vou rezar”.

Respeitando seu desejo de solidão, os dois se retiraram: “Que pena”, exclamou o piedoso capitão, “se eu tivesse uma máquina fotográfica teria feito uma bela foto”.

Essa atração pela oração, inspirada nela pelo próprio Jesus e pela sua mãe, continuou a aumentar.

E era muito comovente ver mãe e filha ajoelharem-se lado a lado, unidas na mesma oração; ver essas duas vidas tão ligadas: uma prestes a expirar, a outra surgindo como amanhecer radiante.

Sim, uma vida estava prestes a acabar. Dona Aurélia Galgani, enfraquecendo lentamente por causa de uma doença, faleceu depois de cinco anos.

“Rezei tanto”, dizia, acariciando sua pequena Gemma, “para que Jesus me desse uma menina; isso me consolou, é verdade, mas tarde demais! Estou doente e em breve terei que deixá-la: aproveite as lições da sua mamãe”.<sup>4</sup> Quanta tristeza nessas palavras! Quanta preocupação pela alma de sua filhinha! E que martírio aquele lento percurso em direção à morte próxima, com a terrível perspectiva de se separar de sete criaturas ainda muito necessitadas dela! Tal visão, que tinha sempre diante de si, fazia daquela mãe cristã eloquente ao falar das vaidades de todas as coisas terrenas, da deformidade da culpa, das virtudes da alma, da grandeza de Deus, da beleza do céu.

A pequena Teresa de Lisieux, nas suas visões de amor, desejava o céu para sua mãe, seu pai, todos. Aqui é a mãe que deseja, de certa forma, o céu para sua filhinha: “Gemma, se eu pudesse levá-la para onde Jesus me chama, você viria comigo?”. “Onde é?”, Gemma perguntava. “No céu, com Jesus e os anjos”.<sup>5</sup> Podemos imaginar a querida menina, batendo palmas, abandonando-se em vívidos êxtases de alegria. A partir daquele dia, o céu se tornou seu contínuo anseio. “Foi, portanto, minha mãe quem me fez desejar o céu quando eu ainda era muito pequena”, Gemma reconheceria mais tarde, dezesseis anos depois, quando foi proibida de pedir a Deus para morrer. “E agora, se ainda desejo o paraíso e quero ir para lá, recebo uns bons gritos e ouço um não como resposta. Respondi sim para minha mãe; e porque ela

---

<sup>4</sup> *Autobiografia*, p. 222.

<sup>5</sup> *Autobiografia*, p. 222.

me repetia isso sobre o paraíso, não queria me separar dela, e nunca saía do quarto dela”.<sup>6</sup>

Também esse particular, tão delicado! Gemma não queria mais afastar-se da mãe, não queria mais sair do quarto dela, para não perder o momento da sua partida, com medo de que a mãe fosse sozinha para o céu. E subia na cama, envolvia amorosamente o pescoço dela e a beijava repetidas vezes, sem parar.

Mas antes de ser levada à pátria eterna, essa pequena amante do crucifixo deveria tornar-se cópia viva dele; deveria sentir em si mesma, em seu coração, em sua alma, em seus membros, todas as angústias, todos os sofrimentos de seu Jesus. “Meu Senhor”, deveria exclamar, “quando meus lábios se aproximarem dos seus para lhe beijar, deixe-me sentir o seu fel. Quando meus ombros repousarem sobre os seus, faça-me sentir seus flagelos. Quando sua carne entrar em comunhão com a minha, deixe-me sentir sua paixão. Quando minha cabeça se aproximar da sua, deixe-me sentir seus espinhos. Quando o meu lado estiver perto do seu, deixe-me sentir sua lança...”<sup>7</sup>

Depois, do calvário para o céu!

---

<sup>6</sup> *Autobiografia*, p. 222.

<sup>7</sup> *Lettere ed Estasi*, Estasi, XXIX/22; 76; 100.